

APRESENTAÇÃO

VÍTOR QUEIROZ¹

EDITOR

<https://orcid.org/0000-0003-1735-4203>

Casas de passarinhos, onças, máscaras. Todas capas da Espaço Ameríndio que compõem o 19º volume da revista, em 2025, fazem uma série de homenagens que se desdobram umas sobre as outras, reiterando-se num jogo de ecos ou de espelhos. As imagens em questão são fotografias da exposição “O mundo sensível dos mitos: a ciência e a arte de Claude Lévi-Strauss” que ocupou o Museu da UFRGS, no segundo semestre de 2024, com a rica mitologia dos povos ameríndios e afro-religiosos, com o mundo da experiência, as categorias sensíveis que compõem o cotidiano de tais comunidades e com a obra desse autor, um dos etnólogos mais importantes da história.

É pedindo o auxílio de todos esses bichos, demiurgos, vigaristas divinos e heróis gêmeos, que se escondem e se mostram na arte sutil da cestaria e da cerâmica Kaingang, nas esculturas zoomorfas dos Guarani, no repique dos tambores nas noites de batuque e, principalmente, na vida cotidiana das comunidades indígenas e tradicionais que assumo, a partir deste número, o cargo de editor desta revista tão importante, vinculada ao Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT) do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS). Não poderia deixar de agradecer, relembrar e homenagear, neste momento, o trabalho impecável dos professores e queridos colegas que me antecederam na direção desta revista e deste núcleo, Pablo Quintero e Sérgio Baptista. Espero, apenas, continuar o trabalho editorial excelente que ambos fizeram em suas respectivas gestões.

* * *

Abrindo a seleção de artigos desta edição, temos o trabalho “Barrar o rio impacta o cosmos: mobilização xamânica dos Enawenê-Nawê contra as hidrelétricas”, do indigenista Orivaldo Nunes Júnior que também trabalha com planejamento territorial e desenvolvimento ambiental. O artigo descreve a

¹ Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, e Coordenador do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). E-mail: queiroz.avila@ufrgs.br

oposição dos Enawenê-Nawê, do Noroeste do Mato Grosso, às alterações no curso do rio Juruena. Mudar o rio equivale a desequilibrar uma cadeia intrincada de espíritos e donos-mestres. A partir disso, o texto questiona noções usuais de causa e efeito, defendendo a adoção de uma lógica e de um pensamento sobre o espaço mais complexos, multiescalares, multidimensionais e fractais.

Em seguida, Adir Colombo e Mário Villalva Filho, especialistas em desenvolvimento rural, contribuem em “A importância que Diamante D’Oeste dá ao primeiro vereador indígena do Oeste do Paraná” para a reflexão, ainda incipiente, sobre as candidaturas indígenas no Brasil. Os autores analisam as opiniões do eleitorado sobre a atuação política e a relevância do mandato do vereador Guarani Teodoro Tupã Jeguavy Alvez.

Com o artigo de Victor Mauro, “Os Terena e os projetos de desenvolvimento comunitário em uma conjuntura do regime ditatorial”, voltamos algumas décadas na política nacional e acompanhamos as contradições e a derrocada final de uma das iniciativas da Funai nos últimos anos da ditadura civil-militar brasileira: a tentativa de mecanizar a agricultura de um grupo indígena do centro-oeste do país.

Continuando a edição, “Da ‘vergonha’ à ‘não-vergonha’: parentesco e estrutura social Ayoreo (Chaco Paraguai)”, do antropólogo e filósofo Leif Grunewald, aborda alguns dos temas clássicos da etnologia indígena: o parentesco e a percepção cotidiana dos Ayoreo sobre a composição de sua própria estrutura social. Tal percepção é diretamente afetada pelos sentimentos de vergonha, relativa às interdições que atingem especialmente os rapazes num sistema matrimonial uxorilocal, e a não-vergonha advinda de outras situações nas quais o arrojo e o desembaraço predominam.

Com o artigo “O massacre dos povos originários em Corumbiara/RO: a morte do último Tanaru, ‘o índio do buraco’”, do geógrafo Danilo Batista, voltamos às relações de tensão, incompreensão e assimetria de poder que dominam esta edição da Espaço Ameríndio. Nele podemos acompanhar o relato trágico da morte do último remanescente de um povo que conseguiu sobreviver por mais de 25 anos, num estado de fuga constante e de isolamento voluntário, acossado por latifundiários e pelo próprio estado.

Os três artigos seguintes deste número versam sobre direito indígena e outras questões jurídicas. “A questão indígena e as ameaças legislativas aos direitos conquistados pelos povos indígenas”, dos pesquisadores do Ipea Lilian Bastian, Fabio Alves, Alexandre Valadares e Sandro Pereira da Silva, faz um balanço das iniciativas legislativas recentes que ferem o direito, garantido pela Constituição Federal de 1988, às terras ocupadas pelos povos indígenas e ao usufruto dos seus respectivos recursos.

Cecília Algayer, da área do direito, apresenta em “Sistema interamericano de direitos humanos e justiça socioambiental: uma análise a partir dos direitos dos povos indígenas” a atuação da Convenção Americana sobre Direitos Humanos, da OEA e da ONU relativa à garantia dos direitos territoriais e ambientais dos povos indígenas, seus desafios nos últimos anos e sua importância nas realidades regionais da América Latina e do Brasil, em particular.

Já Ângela Rufino e Luiz Antonio Senna, em “Reinos que se cruzam: a influência da globalização e dos organismos internacionais dos direitos linguísticos indígenas nas escolas regulares do Brasil”, trazem uma reflexão sobre a atuação dos fóruns e conferências internacionais na preservação das línguas indígenas e os desafios encontrados na introdução das mesmas no contexto escolar brasileiro.

Na seção Autores Indígenas encontramos dois artigos sobre o impacto da Covid-19 em realidades autóctones diversas. Werlen Pereira Karajá traz em “A vivência de um estudante indígena de psicologia, durante a pandemia na aldeia de Maranduba” um relato, escrito em parceria com Caio Maximino, do impacto psicológico dessa emergência sanitária numa aldeia paraense. De modo muito interessante, a experiência do primeiro autor encontra-se intimamente vinculada a relatos míticos, à história Karajá e uma verdadeira teoria da doença mantida por esta população. Já em “Imunização pela luta: os guardiões Apinajé e a pandemia de Covid-19”, artigo escrito por Júlio Kâmer Apinajé e Sheila Maxy Apinajé e outros quatro autores não indígenas, temos uma descrição da resposta desse povo à crise sanitária, marcada pela fabricação dos corpos, assim como pela memória de outros ataques à sobrevivência e à integridade de tal comunidade, tais como a guerra, o genocídio e diversas ameaças a seu território.

Encerrando esta edição da Espaço Ameríndio, temos a resenha intitulada “Tekoá Porã: a arte do bem-viver nas Américas”, de Alan Alves Brito e Isael Pinheiro, baseada na obra “Tekoá: uma arte milenar indígena para o bem-viver”, publicada em 2024 pelo intelectual indígena Kaká Werá.

* * *

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que tornaram possível este número da Espaço Ameríndio, das autoras e autores que submeteram seus artigos aos pareceristas que dedicaram parte de seu precioso tempo avaliando-os. Agradecemos à Natácha Rodrigues Portal pelo trabalho editorial extremamente competente e à Larhyssa Fontes Dutra da Silva pela ajuda inestimável no fechamento desta edição. Sem o trabalho e a dedicação de vocês sua publicação seria impossível.

Por fim, desejamos a todas e todos uma leitura proveitosa da Espaço Ameríndio.